

25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBa – Salvador-Bahia-Brasil

O ATRAVESSAMENTO DAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANA E EUROPEIA NAS FOLIAS DE REIS DA BAIXADA FLUMINENSE

Andressa dos Santos Leite¹

José Valter Pereira (Valter Filé)²

Resumo:

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados, ainda provisórios, desta pesquisa, que estuda as relações étnico-culturais presentes nos grupos de folia de reis da Baixada Fluminense, tendo como foco principal os atravessamentos religiosos. Estes grupos possuem integrantes, na sua maioria, negros, pertencentes das classes populares que durante o período natalino, peregrinam cantando os três reis magos e após o dia 06 até o dia 20 de janeiro cantam para São Sebastião. Os atravessamentos das religiões Africana e europeia serão estudados a partir dos elementos que carregam vestígios de relações sincréticas, como a indumentária, os rituais e as narrativas de seus membros. Pretende-se com seus resultados, apoiar a construção e consolidação de novos conhecimentos sobre as relações raciais e fortalecer a lei 10.639 de 9/01/2003.

Palavras-chave: Folia de reis, identidade brasileira, educação, relações raciais, manifestação cultural.

A PESQUISA: O começo de tudo.

Durante anos atuando na Baixada Fluminense, desenvolvendo trabalhos nas áreas da educação e da cultura, no final de 2007, sentimos a necessidade de pesquisar e mapear os grupos culturais da região da Baixada Fluminense que mantinham, com muita dificuldade e sem visibilidade, suas manifestações. A partir daí começamos a perguntar, primeiramente, aos moradores da cidade de Nova Iguaçu se os mesmos conheciam grupos de cultura popular e onde encontrá-los, daí percebemos que os grupos mais citados eram os de folia de reis, que se mostravam ainda no imaginário desta região.

Com isso, em julho de 2008, criamos um projeto que viabilizasse a pesquisa. Assim surge o projeto Folia de Reis: Louvação ao Menino Jesus na Baixada Fluminense que recebeu uma verba destinada a pequenos projetos do SAAP (Serviço de Análise e Assessoria de Projetos) que pertence a FASE (Fundação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional).

¹Pedagoga e Pós-graduanda em Diversidade Étnica e Educação no Brasil- LEAFRO-Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Membro do grupo *Educação, sociedade do conhecimento e conexões culturais*.leite.dessa@gmail.com

² Professor Adjunto da UFRRJ/Instituto Multidisciplinar-Nova Iguaçu. Membro dos grupos de pesquisas *Educação, sociedade do conhecimento e conexões culturais* <http://pesccc.ning.com> e Grupoalfa

Este projeto possibilitou pesquisar, mapear e divulgar a folia de reis da Baixada Fluminense. Durante o período de Julho de 2008 à janeiro de 2009, participamos de diversas festas de arremate³, acompanhamos a produção dos grupos e sua jornada⁴ nas cidades de Nova Iguaçu, Mesquita, Duque de Caxias, São João de Meriti, totalizando 06 festas de arremate, 10 casas visitadas durante as jornadas. Mapeamos 20 folias, descobrimos sua origem, onde estão localizadas, seus mestres, quantos componentes entre outras informações que possibilitassem estreitar os laços entre as folias e as mesmas com a própria população da Baixada Fluminense.

Registramos e sistematizamos tais informações e ainda organizamos arquivos audiovisuais e iconográficos, desencadeando a realização de exposições fotográficas e relatórios.

Através deste contato percebemos que alguns elementos do candomblé e da umbanda se faziam presentes dentro de uma manifestação caracterizada pelo seu cunho religioso católico. A partir daí dirigimos a nossa atenção para esta relação construída pelos foliões.

Em novembro de 2008 inicia-se a pós-graduação em diversidade étnica e educação brasileira e durante o curso foi possível perceber as possibilidades que esta pesquisa, que se encontra em desenvolvimento, poderia proporcionar, não só para o próprio conhecimento, como também para a educação como um todo, ao conhecer um pouco mais sobre esse universo popular e como foram se estabelecendo, através dos séculos, esse hibridismo cultural que segundo o autor João Batista Cardoso:

“No caso brasileiro, além da variante lingüística de base latina ser a língua portuguesa, acrescenta-se a intensa imigração de povos africanos, forçados a vir para a nova terra como escravos. Trouxeram sua cultura que, ao se chocar com as culturas indígenas e européias resultou num intenso cruzamento”. (CARDOSO,2008,p.83)

Cardoso (2008) diz que o Brasil é um grande palco, na América Latina, desse hibridismo, que ele aponta como um “recurso de sobrevivência”, pois com a vinda dos escravos e europeus na época da colonização, se chocando com a cultura indígena e o início de um processo de imposição cultural iniciada pelos europeus fez com que, hoje, se apresente de forma muito forte esta mescla cultural que permanece ainda em constante transformação.

³Festa de arremate: Evento que marca o fim da jornada/giro, com fartura de comida e bebida, ansiosamente aguardado pelos componentes, familiares e convidados.

⁴Jornada: Também chamado giro é o circuito realizado pelos foliões, visitando as casas para louvarem os reis magos durante o período de 24 de dezembro à 06 de janeiro.

Este “recurso de sobrevivência” se torna mais claro, quando o autor explica que esse processo, que ele chama de aculturação, que aconteceu entre portugueses e os negros escravizados ocorreu como uma via de mão dupla pois o próprio Estado ignorava seus cultos, mas como os negros se mostravam resistentes mesmo frequentando os cultos católicos em um turno e no outro eles cultuavam seus deuses, forçaram os portugueses, de forma gradativa, a adotar práticas africanas de culto, fazendo com que esse hibridismo fosse evoluindo para o sincretismo.

Para Cardoso,2008, o hibridismo cultural é:

“Um fenômeno natural e imanente na constituição e evolução da civilização. Sua manifestação é percebida com mais ênfase na arte em geral e na literatura em particular. Seja como transculturação, aculturação ou neoculturação, o hibridismo é o testemunho mais nítido de que, mesmo esforçando-se por preservar formas culturais autóctones, o homem está aberto a maneiras de interagir culturalmente, como mais um recurso de sobrevivência num mundo que tem a mudança como traço essencial”. (CARDOSO,2008,p.89)

Entendemos que estas descobertas feitas através desta base teórica, deste material coletado, principalmente, o iconográfico e as narrativas coletadas dos foliões, pois este “público” não possui o hábito de registrar a sua história (pelo menos na forma reconhecida como registro), mas possui uma riqueza de experiências que nos ajuda a compreender melhor a manifestação e suas nuances e que é transmitida oralmente aos mais jovens que segundo Walter Benjamin(1936): “O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão , mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação”.

E relacionar este material aos teóricos que buscamos basear a pesquisa, desenvolvemos este trabalho que pretendemos com ele fortalecer a lei 10.639/2003, que obriga a inclusão no currículo escolar o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, pois divulgar e produzir conhecimentos relacionados a história e a contribuição cultural do negro no Brasil fortalece o combate da discriminação e desigualdade que atinge esta população.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana:

“A divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeu, de asiáticos- para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada”. (SEPPPIR,2004,p.10)

Através destes estudos será possível conhecer um pouco mais como se deram os encontros entre negros e brancos a partir das manifestações culturais. E como nestes encontros, mesmo com a cultura branca, européia em sua tentativa de tornar-se hegemônica e eliminar o universo simbólico dos não brancos, a cultura negra não foi suprimida e ainda foi ampliando-se e ocupando os espaços das manifestações européias através das estratégias de sobrevivência desenvolvidas. A cultura negra foi encontrando outras possibilidades de existência, de resistência (e em alguns momentos de rendição). Assim, criando uma identidade, multi/interculturalmente, brasileira.

A FOLIA DE REIS: Segundo os autores.

Para entender melhor sobre a folia de reis buscamos alguns pesquisadores como Vieira (1987), que diz que o catolicismo imposto no Brasil pelos portugueses, misturou-se aos ritos naturais dos indígenas encontrados, e posteriormente com a religião trazida pelos negros escravos. Tais aglutinações não ocorreram apenas na religião, mas também nas que virão formar a nossa sociedade como a cultura.

A festa de natal, no dia 25 de dezembro, não tinha até o século IV a importância que lhe damos hoje. Antigamente era a Páscoa a época de maior importância. Os antigos cristãos acreditavam que o verdadeiro nascimento de Cristo para eles era o dia 06 de janeiro- Dia de Reis. Com a chegada do Papa Júlio I no ano 376 que se regulamenta a data do nascimento de Cristo no dia que se comemora hoje – 25 de dezembro.

A celebração popular do ciclo natalino deve-se à São Francisco de Assis que instituiu o presépio e as *Sacre Rappresentazioni*, em 1223. As primeiras representações eram realizadas dentro das igrejas, depois no entorno delas chegando até as praças públicas, onde se introduziu elementos e cenas cômicas, tornando-as assim mais populares.

Torres e Cavalcante (2007), colocam que no período colonial, os colonizadores, junto com os missionários jesuítas que desembarcaram no Brasil, vindos com o primeiro governador Geral Tomé de Souza, em 1559 e em anos seguintes, trouxeram essas tradições da Península Ibérica. Estes utilizavam autos litúrgicos com a temática dos reis magos, sob a forma do canto, dança e encenação, no processo de catequese e ensino,

tanto dos nativos indígenas, como dos próprios colonizadores (os reinóis⁵) e, posteriormente, dos negros escravizados.

Segundo Augusta (1979), este hábito europeu de festejar os reis magos transferiu-se para o Brasil e aqui permanecem associado a várias tradições paralelas e semelhantes de cada uma guardando assim, alguma coisa.

“Das maias e das Janeiras portuguesas celebrando a entrada da primavera e do ano novo a 31 de dezembro, conservamos o cortejo, o perditório, as saudações de entrada e despedida, as louvações à casa, à seu dono, dona e pessoas presentes. Eram costumes pagãos oriundos da Grécia antiga; no século XIV, não conseguindo extingui-los, a igreja católica incorporou-os, dando-lhes sentido religioso, como fez com vários outros, inclusive alguns de nossos costumes indígenas”. (AUGUSTA, 2007,p.13)

Segundo Vieira (1987), o pesquisador Pereira da Costa, em seu livro Folk – Lore pernambucano conta que no século XVII em Pernambuco, tínhamos comemorações no dia de Reis organizadas e celebradas pelos pretos, livres e escravos e trabalhadores braçais.

“Esses verdadeiros mártires não trabalhavam na véspera de Reis; formavam um numeroso cortejo e iam logo de manhãzinha, às casas dos fregueses e pessoas diversas para dar as boas festas, cantando uns versos em uma toada da marcha. Um deles ia sentado num caixão empunhando uma bandeira e sendo carregado nos ombros pelos demais companheiros. Em agradecimento às espórtulas recebidas, erguiam vivas ao estourar de foguetes”. (VIEIRA,1987,p.7)

Pergo (2008), conta que este folguedo trazido pelos portugueses no período da colonização é uma manifestação encontrada em toda Península Ibérica e é comum a doação e recebimento de presentes após a entoação de cantos e danças nas residências.

Nogueira(1985), diz que a Folia de Reis, no Brasil é presente em todo estado do Rio de Janeiro como também em outras regiões brasileiras como Minas Gerais, Espírito Santo e Brasília e possui caráter religioso. É formada por um grupo que se apresenta no ciclo natalino que se inicia no dia 24 de dezembro e segue até o dia 06 de janeiro.

Ela relembra a viagem dos três reis magos do oriente, Baltazar, Belchior e Gaspar, até Belém para encontrar o Menino Jesus. No Rio de Janeiro, após o dia 06 até o dia 20 de janeiro passam a louvar o Santo Católico São Sebastião, padroeiro da cidade. Geralmente é organizado por devoção ou pagamento de promessas que duram por tempo mínimo de 07 anos. O número de componentes varia e geralmente pertencem ao mesmo núcleo familiar ou são amigos do dono do grupo. Auto-denominam-se foliões representando os soldados dos Reis Magos.

⁵Reinóis significa: próprio do reino, natural do reino.

Castro e Couto(1979), colocam que esse grupo formado por personagens como o Mestre que é o responsável pelo grupo, pela festa de arremate e pela disciplina e andamento dos foliões, e os instrumentos e as vestimentas pertencem a ele, o Contramestre encabeça a fila junto ao mestre e o apóia na cantoria e andamento da folia, o Bandeireiro é quem carrega a bandeira da folia que é o símbolo que representa a folia e onde se identifica a trajetória dos Reis Magos à Belém e a intenção com que os foliões se dispõem a peregrinação, no Rio de Janeiro acrescentou-se a imagem de São Sebastião.

Músicos e Cantores são formados pelos outros foliões que tocam um instrumento e ajudam no canto, os instrumentos mais utilizados são: Viola, violão, sanfona, chocalho, reco-reco, triângulo, pandeiro, a caixa e o bumbo. Os Palhaços, estes representam os soldados de Herodes, os perseguidores do Menino Jesus e são a grande atração da folia.

Suas roupas e máscaras são confeccionadas ao seu gosto, carregam um porrete ou uma bengala e a folia não pode sair sem ele. O pretendente a palhaço deve passar por um aprendizado de sete anos onde recebe instruções sobre como se comportar e como fazer para liberta-se da parte que tem com o “diabo”. Eles não podem tocar e nem ultrapassar a bandeira e nem cantar quando a folia entoia seus cânticos, somente nos intervalos entre um verso e outro os mesmos podem soltar suas exclamações no ritmo da música coincidindo com as batidas regulares do bumbo. Na região do Rio de Janeiro é comum que os palhaços recitem cordéis.

Nas visitas as casas amigas que pertencem a outras folias, o palhaço não pode entrar a não ser com algumas condições como: se houver um oratório na casa deve pedir licença antes de entrar e se houver um presépio deve-se tirar a máscara. De qualquer forma o palhaço só pode entrar na casa depois que a folia tiver cantado em louvor aos Reis Magos e agradecido a hospitalidade.

No momento da brincadeira só podem fazer em ambientes abertos. Eles recebem dinheiro que jogam no chão quando se exibem e nenhum outro folião pode pegar. O momento reservado para evolução dos palhaços os foliões se organizam em arco e o sanfoneiro no meio. O palhaço assume o espetáculo. Ao pisar no círculo formado pelos expectadores, o palhaço pára a música e maneja o seu porrete espalhando as pessoas,

após se identificar com o seu nome de guerra e conta as mais diversas proezas de um jeito popular capaz de assegurar a atenção e a gargalhada do público.

Assim estes autores descrevem a folia de reis praticada pelas diversas regiões do Brasil. A partir daí propusemos, com esta pesquisa, um recorte para as relações étnicas que compõem esta manifestação realizada na região da Baixada Fluminense, que apesar de ser manifestada basicamente desta forma apresentada pelos autores, possuem características específicas pois mesclam o perfil urbano com o rural condizente com a sua organização geográfica e sócio-econômica.

A FOLIA DE REIS E O SEU ATRAVESSAMENTO

Esta região, conhecida como Baixada Fluminense, está localizada no estado do Rio de Janeiro que segundo a definição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE é composta por 13 municípios: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japerí, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica. Já Alves(2003), conta que a definição da Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro – FUNDREM se baseia em critérios como grau de urbanização e a densidade populacional restringindo-a em Unidades Urbanas Integradas de Oeste – UUIO compondo assim a região da Baixada com os municípios de Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Nova Iguaçu, Belford Roxo, Queimados e Japeri.

Com o estouro da 2ª guerra mundial que dificultava o transporte marítimo fez com que grande parte do produto apodrecesse, concomitantemente, inicia-se a proliferação da praga chamada “a mosca do mediterrâneo” que prejudicava a produção.

Com declínio da laranja os fazendeiros se associaram com empresas mobiliárias e lotearam suas terras para vendê-las a preços populares, com isso cria-se uma guerra entre posseiros e fazendeiros devido à resistência dos primeiros em abandonar as terras tendo como consequência a morte de muitos.

Durante esse processo a Baixada Fluminense passa de uma região agrícola para urbana, desempenhando um grande papel para o desenvolvimento sócio-econômico da capital do estado. A industrialização da região intensifica a migração campo-cidade.

A cidade do Rio de Janeiro sofria, grandes reformas como a criação da Avenida Presidente Vargas, além das diversas remoções, tirando os pobres do centro do Rio, das favelas e de bairros nobres, com isso o governo do estado de Pereira Passos inicia um

processo de aumento dos lotes na região da Baixada, sendo que nem todos os lotes tinham condições de serem habitados, pois estavam localizados em manguezais, alagadiços e charques, rios e etc. o que propiciou a proliferação da malária e da cólera apontando um grande problema de saneamento que ainda se faz presente na região.

Assim a Baixada Fluminense cumpre o papel de receptáculo de pessoas que eram removidas compulsoriamente, devido ao processo de segregação urbana iniciada com maior força a partir dos anos 50. A partir de 1980 esse quadro vem sofrendo alterações como os municípios de Duque de Caxias e Nova Iguaçu que absorvem parte da população economicamente ativa da região, mas a capital do estado ainda é o principal centro de atividades econômicas.

Esta região não só recebeu pessoas da cidade do Rio de Janeiro como também de diversas partes do estado e do Brasil, por conta da facilidade de moradia e por estar próxima da capital que se tornou uma esperança econômica.

Junto com esta população vieram suas tradições e entre elas a folia de reis. Durante a pesquisa identificamos na Baixada Fluminense entorno de 20 grupos que possuem de 130 anos a 2 anos de existência, os mais novos, na sua maioria, são oriundos de grupos mais antigos que ainda estão ativos, como também inativos.

Seus mestres fundadores vieram de regiões como Valença (estado do Rio de Janeiro), Minas Gerais e Espírito Santo.

Os seus componentes, na sua maioria, são negros e seguem outras religiões e não necessariamente a religião católica, inclusive muitos foliões são ligados às religiões afro-brasileiras. Sofrem os mais diversos preconceitos por parte da população que os relacionam como a “coisa do diabo” devido a força da imagem do palhaço. Personagem este que transita pelo profano e sagrado com maior liberdade e por conta da sua representação dentro do grupo. A sua farda é considerada por todos como aquela que carrega uma grande carga negativa. Negatividade esta que muitos palhaços recorrem a proteção de guias de orixás por conta própria ou presenteado por algum parente ligado a religião afro como descrevo abaixo a fala de um palhaço de 09 anos, quando pergunto porque a sua avó lhe deu uma guia de cor azul com pedras marrons: *“É pra dar sorte, pra mim não ficar tonto e não passar mal. Um dia quando fui pra folia, eu passei mal, tava rodiando, aí vomitei”*.

Outro palhaço de 16 anos diz, quando pergunto se o cordão que ele usava era uma guia: *“ Pior que é. Foi minha tia que deu, representa oxalá”*. Quando pergunto

para que, ele diz: “ *Pra proteger do mal*”. Então pergunto se ele acha que o palhaço representa algum mal, ele explica: “*Não, é alguém bota olho grande...*”

Muitos foliões procuram negar a possibilidade desta “interferência religiosa” como palhaço de 36 anos que durante uma entrevista disse que muitos palhaços durante a brincadeira gritam nomes de exus: “*Isso ... eles ficam falando dessa outra parte que não tem nada haver com a folia de reis que é a macumba, né?... Que eles dizem... tem santos lá que eles adoram ...tem pessoas lá que convivem no centro que tem fé lá nos santos deles mas também gostam de folia, procuram sempre tá saindo, representando os três reis magos ou então um palhaço, soldado de heródes, aí quer dizer, usa aquela guia, vem representando um orixá pra ele...*”

e outros afirmam que há essa influência como diz uma foliã, filha de um mestre folião: “*Realmente tem uma igreja (católica) em Imbariê (Duque de Caxias) que aceita a folia de reis e todo ano tem que ter uma folia lá, mas aqui na Baixada Fluminense elas não aceitam a folia de reis, é muito raro. Já as portas das macumbas, quer dizer da umbanda e do candomblé, elas nunca fecham pra folia nenhuma. E aquele lance que eu tava falando com você (da relação da religião afro com a folia) tem um significado sim, num é só de igreja católica não, tem da macumba também porque tem muitas pessoas que faz uma oração, tem muitas pessoas que fazem o ritual deles e depois fazem um ritual também no candomblé ou na umbanda pra sair na folias de reis. Então é uma mistura de religião*”.

Com esta fala é possível perceber que na Baixada Fluminense há dificuldade de aceitação por parte das próprias igrejas católicas. No Candomblé e na Umbanda há maior aceitação, propiciando o fortalecimento desta relação sincrética realizada pelos seus integrantes. Algumas folias são criadas por grupos pertencentes a terreiros, principalmente de umbanda, que se organizam para sair neste período natalino, como a folia de Piabetá que possui na sua organização um terreiro de umbanda (herança familiar), grupo de quadrilha e uma folia de reis e no passado tinham também um bloco de carnaval.

Augusta(1979), diz que:

“Aqui o povo tem uma sólida religiosidade aliada a uma quase total liberdade em relação ao ritual (...). Um certo misticismo e sentimento de devoção inatos na população, que mistura com uma boa dose de surpetições e sincretismo religioso – sentimento que é sólido arraigado e ao mesmo tempo difuso – perdura e cintila em meio à brincadeira mais animada e leiga”. (AUGUSTA,1979p.15)

Outro elemento que reforça essa relação são os nomes dos palhaços das folias que dependendo da região fazem menção a exus como o mestre desta folia e pai de

santo deste terreiro contou na sua entrevista: *“Os palhaços em Nova Iguaçu geralmente tem nome de cobra como cascavél, surucucu e em Caxias é nome de Exu como o Pinga fogo”*.

As folias de reis da Baixada Fluminense apresentam estas relações híbridas de forma muito presente seja nas suas rezas, na sua indumentária, na sua relação com o sagrado, na sua comida oferecida aos foliões - como a feijoada - na sua origem e até nas suas lendas. Sendo que tal presença ainda é negada e renegada por grande parte de seus integrantes, isso nos leva a refletir neste processo cruel de imposição de valores eurocêntricos por qual passamos e principalmente as classes populares. Visão esta que é reforçada cotidianamente dentro do núcleo escolar, onde a política de embranquecimento ainda é utilizada em seu currículo, justamente neste espaço onde a diversidade, a história e os saberes do sujeito deveriam ser parte fundamental na construção do processo educativo. Brandão(2004), reforça:

“A educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sócio-cultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa. E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisórios onde isto pode acontecer. Portanto é a comunidade quem responde pelo trabalho de fazer com que tudo o que possa ser vivido-e-aprendido da cultura seja ensinado com a vida e também com a aula ao educando”. (BRANDÃO,2004 in SILVA,2007)

Portanto perceber estas relações possibilita a ampliação do olhar para uma prática multicultural, para a valorização da cultura local e seus saberes e para além disso para a cultura popular como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, assim fortaleceremos a proposta de uma educação que dê voz aos saberes e dizeres populares para que a formação do sujeito seja de forma consciente de seu processo de construção identitária e com isso possa promover a transformação na nossa sociedade, favorecendo outras relações étnico-raciais sem preconceito.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, José Cláudio Souza. **Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense**. Rio de Janeiro: APPH, CLIO, 2003.
- AUGUSTA, Ana. **Cantigas de reis e outros cantares**. Rio de Janeiro: Ed. INELIVRO, 1979.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov**. In *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. (p.197-221) São Paulo, SP: Brasiliense. 1994. (Original publicado em 1936)
- BRASIL. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF, 2004.
- CARDOSO, João Batista. **Hibridismo Cultural na América Latina. Itinerários**, Araraquara: n27p.79-90, Júlio/Dezembro 2008.
- CASTRO, Zaíde Maciel e COUTO, Aracy do Prado. **Folia de Reis**. Cadernos de Folclore nº16. BCG/UFF. Rio de Janeiro, 1977.
- NOGUEIRA, Álvaro Janotti. **Guia do folclore fluminense**. Rio de Janeiro: Ed. Presença Edições. Secretaria de Estado de Ciências e Cultura, 1985.
- PERGO, Vera Lúcia. **Os rituais na folia de reis: Uma das festas populares brasileiras**. UEM. Paraná, 2008: Disponível em: <<http://www.dhiuem.br/gtreligiao/pdf/st1/pergo>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2010.
- SILVA, Marisa. **Culturas populares e educações**. Revista Educação popular, Uberlândia, v6, p.113-120, Jan/Dez 2007.
- TORRES, Lúcia Beatriz; CAVALCANTE, Raphael. **Festas de Santos Reis**. Aprender e ensinar nas festas populares, Rio de Janeiro, Boletim2, abril 2007. Disponível em: <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/165621Aprender.pdf>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2010.
- VIEIRA, Sônia Maria. **Folia de Reis**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1989.